

Área Temática: Gestão de Pessoas

**A Construção Discursiva do Conceito de Empregabilidade:
um estudo em Recife e Belo Horizonte, Brasil.**

AUTORES

DIOGO HENRIQUE HELAL

Universidade Federal de Paraíba
diogohh@yahoo.com.br

ELIETE AUGUSTA DE SOUZA VIANA

Centro Universitário de Belo Horizonte - UNIBH
elietepsi@yahoo.com.br

Resumo

O presente estudo foi concebido com o objetivo de investigar a construção discursiva do conceito de empregabilidade, fortemente difundido no mundo do trabalho e utilizado nas políticas públicas, na esfera privada e no ambiente acadêmico. O artigo analisa, em particular, como tem emergido o termo, entre estudantes e professores de jornalismo em Recife e Belo Horizonte. Para tanto, realizou-se uma pesquisa qualitativa, a partir de entrevistas semi-estruturadas com professores e alunos do curso de jornalismo nas duas capitais e de publicações acadêmicas, jornais e revistas. O resultado indicou que o conceito de empregabilidade está em construção, já que se encontra pressionado pelas visões empresarial e crítica. Entretanto, a temática ainda é majoritariamente vista da perspectiva individual, em todos os grupos pesquisados. Neste processo, o trabalhador passa a se sentir responsável pela obtenção do emprego. Na questão da empregabilidade, o poder da mídia perante o indivíduo cresce progressivamente, uma vez que ela acumula as funções de interpretar a realidade e de “regular” as relações dos indivíduos. É nesse ponto que os meios de comunicação se tornam importantes instrumentos para a incrustação de ideais sociais representados nas populações. O discurso midiático difunde que o trabalhador é culpado pela sua falta de empregabilidade e o governo e o mercado como isentos da responsabilidade de contribuir com a formação dos trabalhadores e com as relações de emprego. Os discursos acerca da empregabilidade aqui estudados indicam que o conceito é dinâmico e representa posições, regras de comportamento, de condutas e de diálogos comuns aceitos e legitimados como padrão de conduta a ser adotado pela maioria, qual sejam, os que se referem e elegem o indivíduo como ponto central (e único responsável) no processo de busca pelo emprego e renda nos dias atuais.

Abstract

The present study was designed with the objective to investigate the discursive construction of the concept of employability, strongly disseminated in the workplace and in public policies used in the private sphere and the academic environment. The article examines, in particular, has emerged the term, between students and professors of journalism in Recife and Belo Horizonte. To this end, we carried out a qualitative study based on semi-structured interviews with professors and students of journalism in the two capitals and academic journals, newspapers and magazines. The result indicated that the concept of employability is under construction, which is already pressured by corporate visions and criticism one. However, the issue is still largely view the individual perspective, in all groups surveyed. In this case, the worker begins to feel responsible for getting the job. On the issue of employability, the media's power to the individual grows progressively, since it accumulates the functions of

interpreting reality and "to regulate" the individual relations. This is where the media become important tools for the scale of social ideals representatives of the populations. The broadcast media discourse that the worker is to blame for their lack of employability and the government and the market as exempt from the responsibility to contribute to the training of workers and employment relationships. The discourses of employability studied here indicate that the concept is dynamic and represents positions, rules of behavior, conduct and common dialogs accepted and legitimized as a standard of conduct to be adopted by the majority, what are those who refer and elect the individual as the central point (and sole responsibility) in the process of search for employment and income today.

Palavras-chave: empregabilidade; discurso; mídia.

1. Introdução

O presente estudo foi concebido com o objetivo de investigar a construção discursiva do conceito de empregabilidade, fortemente difundido no mundo do trabalho e utilizado nas políticas públicas, na esfera privada e no ambiente acadêmico.

O discurso não descreve somente as coisas como elas são, mas ele as constrói atribuindo significado a práticas e experiências específicas (PHILIPS, LAURENCE e HARD, 2004). Ao mesmo tempo, contribui para a produção, transformação e reprodução de objetos e sujeitos sociais assumindo, assim, uma relação ativa com a realidade (DEETZ & MUNBY, 1985). O discurso deve ser entendido como "uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo" (FAIRCLOUGH, 2001 p.91). É, desse modo, uma prática que sistematicamente forma os objetos acerca dos quais fala, construindo e definindo sua especificidade (PECI e VIEIRA, 2004). Tal construção implica considerarmos que: os discursos não refletem somente entidades e relações sociais, mas as constroem; o discurso não é apenas aquilo que traduz lutas ou sistemas de dominação, mas o propósito da luta em si (FOUCAULT, 2007); não há neutralidade na linguagem, e determinados usos desta e de outras formas simbólicas são ideológicos.

Os discursos acerca da empregabilidade podem ser aqui compreendidos, como algo dinâmico, em produção, construção, transformação e reprodução. Uma vez que o discurso pode estabelecer e definir regras de comportamento, de condutas e de diálogos comuns aceitos e legitimados como padrão de conduta a ser adotado pela maioria (ALVESSON e DEETZ, 1998), esse estudo nos permitirá identificar possíveis construções discursivas que, de forma ideológica, elegem o indivíduo como ponto central (e único responsável) no processo de busca pelo emprego e renda nos dias atuais.

No contexto destas discussões, um debate específico adquire importância, uma vez que polariza e sedimenta posições dicotômicas. Uma primeira posição, presente no uso e difusão do termo empregabilidade, identifica-se com a construção discursiva acerca do trabalhador capaz de se adaptar frente às novas exigências do mundo do trabalho. Outra posição refere-se àquela que considera tal conceito (empregabilidade) uma transferência de responsabilidade pelo emprego, da sociedade e do Estado para o próprio trabalhador.

Diante de tal debate, este estudo pretende entender e comparar como tem emergido e ganhado força o termo, entre estudantes e professores de jornalismo, em duas capitais brasileiras, Recife e Belo Horizonte. Intenciona-se, também, identificar, na opinião dos atores entrevistados e com base nos dados secundários, o que determina e influencia a empregabilidade dos indivíduos.

Ressalte-se que discutir empregabilidade, nos moldes aqui propostos, possibilita uma reflexão crítica e interdisciplinar tão ensejada no meio científico. As atuais condições do mercado de trabalho no Brasil, reforçadas com o discurso comum e difundido que transfere a responsabilidade pelo trabalho do social para o individual, têm levado os indivíduos a se preocuparem cada vez mais com as estratégias para manutenção e obtenção de ocupações formais. Elementos que garantiam, de pronto, uma posição formal e destacada no mercado de trabalho não mais o fazem. A escolaridade é um bom exemplo disso. A mera obtenção de uma credencial educacional deixou de ser diferencial para os postulantes a ocupações formais.

Além disso, este estudo justifica-se também pela iniciativa de comparar diferentes visões acerca do conceito de empregabilidade. Para tanto, serão estudadas dois Estados distintos – Pernambuco e Minas Gerais – escolhidos em função do importante papel que cada um ocupa nos cenários regional e nacional.

2. Referencial Teórico: Empregabilidade:

A palavra empregabilidade ocupa posição de destaque na Academia, no mundo empresarial e na discussão sobre políticas públicas, no Brasil e em outros países. Convém destacar, entretanto, que seu surgimento é relativamente recente. É reflexo do agravamento da crise pela qual passa o mercado de trabalho em todo mundo, em função da diminuição do número de empregos formais e do aumento dos níveis de desemprego e trabalhos informais (CARLEIAL e VALLE, 1997). É sabido que a terceirização e flexibilização da economia vêm causando fortes impactos no mercado de trabalho em todo o Brasil, que, segundo Pochmann (2001), vive um momento de desestruturação. Para o autor, os novos conhecimentos tecnológicos se associaram às exigências empresariais de contratação de empregados com polivalência multifuncional, maior nível de motivação e habilidades laborais adicionais no exercício do trabalho. Foi o novo contexto do mercado de trabalho, permeado pelo desemprego e pela dificuldade em se (re)inserir neste mercado que trouxe o debate acerca da empregabilidade para a ordem do dia, no Brasil e em diversos outros países.

Vale lembrar, entretanto, que a atual conjuntura do mercado de trabalho é produto do processo de reestruturação econômica iniciado a partir da década de 1970, com o esgotamento do modelo fordista de produção. Desta forma, a preocupação com a empregabilidade é, na verdade, resultado das novas exigências feitas aos trabalhadores, por parte das organizações, sob a égide do novo modo de acumulação capitalista, conhecido como pós-fordismo ou modo de acumulação flexível. As organizações passaram por um processo de reestruturação, no qual várias ocupações foram destruídas e outras novas surgiram. O emprego industrial foi reduzido em função da alta inserção de tecnologia, enquanto o setor de serviços se expandiu. O mercado de trabalho se flexibilizou e as relações de trabalho se precarizaram – houve o aumento da ocupação por conta própria e da informalidade em geral.

Por se tratar de um fenômeno recente, a conceituação e o entendimento sobre empregabilidade são dispersos e diversificados. Exemplos:

O conceito de empregabilidade tem sido utilizado para referir-se às condições da integração dos sujeitos à realidade atual dos mercados de trabalho e ao poder que possuem de negociar sua própria capacidade de trabalho, considerando o que os empregadores definem por competência. (MACHADO, 1998, p.18)

Para Lavinias (2001, p.03), o uso do termo empregabilidade remete “às características individuais do trabalhador capazes de fazer com que possa escapar do desemprego mantendo sua capacidade de obter um emprego”. Na visão da autora, o divisor de águas entre trabalhadores empregáveis e não-empregáveis reside no seu grau de aptidão para um determinado trabalho. Minarelli (1995), por sua vez, entende a empregabilidade como a habilidade de ter emprego.

Nas definições de empregabilidade apresentadas, o termo é visto como a capacidade de adaptação da mão-de-obra às novas exigências do mundo do trabalho e das organizações. Entretanto, não há um consenso em relação à conceituação do tema.

Diversos outros autores referem-se à empregabilidade como um discurso neoliberal, que transfere a responsabilidade pelo emprego da sociedade e do Estado para o próprio trabalhador. Carrieri e Sarsur (2002) entendem a empregabilidade como uma estratégia adotada pela alta administração das empresas, no sentido de transferir para o trabalhador a responsabilidade pela não-contratação ou demissão. Para Rodrigues (1997, p.228), o conceito de empregabilidade, conjugado com outros conceitos mais gerais – como globalização, competitividade e reestruturação industrial – busca consolidar a “construção de uma rede discursivo-conceitual que tenta simultaneamente, por um lado, explicar uma nova etapa do

desenvolvimento civilizatório e, por outro lado, facilitar as dores do parto do novo mundo do trabalho”.

É possível supor que a ênfase no mercado e no cliente, nas novas competências gerenciais e na empregabilidade resolva um tradicional dilema gerencial, qual seja, o de controlar e direcionar os indivíduos para comportamentos desejados: autonomia, flexibilidade, criatividade, autovigilância, espírito empreendedor etc. Para Freitas (2000, p.11), nesse discurso, e também nas ações organizacionais, é dito que o indivíduo deve considerar-se o “empreendedor de sua própria vida”, que ele seja o “seu próprio projeto” e que se veja como “um capital que deve dar retorno”, buscando sempre melhorar sua empregabilidade.

Considera-se que o acesso ao emprego não pode ser determinado de forma simplista e restrita. A realidade mostra que várias são as explicações e os determinantes da empregabilidade. Segundo Paiva (2000, p.57), empregabilidade é uma “construção social mais complexa, na medida em que se descola das instituições formais e da experiência adquirida para considerar aspectos pessoais e disposições subjetivas e para dar maior peso não apenas a aspectos técnicos, mas à socialização”.

Do debate anteriormente apresentado é possível identificar dois significados para o termo empregabilidade: o empresarial (que considera a empregabilidade como a capacidade de adaptação da mão-de-obra [do indivíduo] às novas exigências do mundo do trabalho e das organizações) e o crítico (que trata a empregabilidade como um discurso, transferindo a responsabilidade pelo emprego da sociedade e do Estado para o próprio trabalhador).

De acordo com Nader e Oliveira (2007, p.4), a noção de empregabilidade que ganha espaço atualmente “é aquela que localiza no próprio trabalhador a tarefa de se ajustar às condições de trabalho”. Ainda segundo as autoras (2007, p.4):

[...] tanto a literatura de gestão e revistas de maior alcance (como *Você S/A* e *Exame*) como as políticas públicas ligadas à questão do emprego dão grande ênfase ao aprimoramento do trabalhador para que este se torne atraente ao mercado de trabalho e lá garanta o seu espaço.

A ênfase no indivíduo é clara no primeiro significado. Nele, a empregabilidade é totalmente dependente da capacidade individual de se adaptar às demandas do mercado de trabalho.

O segundo significado do termo busca identificar exatamente a limitação de se tratar a empregabilidade como algo restrito ao esforço individual. Essa segunda perspectiva busca contextualizar socialmente a busca pelo emprego, atribuindo responsabilidade a fatores presentes na sociedade. Tal questão insere-se no debate da sociologia econômica sobre a natureza inserida (*embedded nature*) do processo econômico, como bem destaca Granovetter (1985). Segundo o autor, a ação econômica – nesse caso, a busca e o processo de seleção para um emprego – deve ser vista e estudada como algo influenciado pela estrutura social na qual se insere, ou seja, é influenciada não apenas por características do indivíduo (estoque de capital humano), mas também por elementos inerentes ao contexto familiar e social. É importante destacar que tal perspectiva supera o foco tradicional na estrutura e em elementos técnicos, enfatizando o aspecto dinâmico dos relacionamentos interpessoais.

Essa divisão quanto ao entendimento do que seja empregabilidade em duas perspectivas – empresarial-individual e crítica-social – é a adotada por Gazier (2001). A primeira perspectiva se refere à noção de empregabilidade de iniciativa e a segunda, à noção de empregabilidade interativa.

Recentes estudos têm fundamentado esse entendimento de que a empregabilidade deve ser vista como algo que depende não apenas do esforço individual, mas também de fatores presentes no contexto social. Por exemplo, Helal, Neves e Fernandes (2007) analisam as

alterações dos efeitos do capital cultural, do capital social e do capital humano na empregabilidade gerencial no Brasil. Os resultados do estudo desses autores indicam o quanto a associação entre esses três tipos de capital determina as chances de se obter um cargo gerencial no país.

Apesar dos resultados de pesquisa indicar que no país o acesso a empregos formais tem sido também determinado pelo contexto social no qual o indivíduo se insere, o entendimento acerca do tema que mais tem sido difundido é o individual. A mídia de negócios (e a geral também) vem insistindo na ideia da necessidade do indivíduo se atualizar e ser competente para garantir uma melhor inserção no mercado de trabalho. De acordo com Zulauf (2006), o mercado e os ambientes de trabalho pressionam cada vez mais o ensino superior para que este desenvolva a empregabilidade dos estudantes e atribua a essa habilidade maior relevância nas grades curriculares, instruindo os alunos não apenas do ponto de vista acadêmico, mas também da perspectiva das reais necessidades dos empregadores. A autora diz que o governo comunga da mesma opinião do mercado, já tendo incentivado algumas universidades a reformar suas grades curriculares. Em níveis variados de aceitação e resistência, o tradicional currículo com enfoque na disciplina está cedendo lugar a uma educação que oferece embasamento acadêmico com habilidades de empregabilidade (ZULAUF, 2006).

Shiroma e Campos (1997) complementam o raciocínio de Zulauf (2006) e questionam se a função da escola é auxiliar na formação para o trabalho ou se esta ocorre independentemente daquela. Os autores, desse modo, ficam por entender se a escola promove a formação para o indivíduo ou para o mercado de trabalho. A quem a educação atenderia nos tempos de hoje: ao mercado ou ao trabalhador? – questionam Shiroma e Campos (1997). Segundo eles, embora nesse debate não haja convergência de opiniões, estas acabam concorrendo ao mostrar que o aumento da demanda empresarial por trabalhadores com nível mais elevado de escolaridade nem sempre é compatível com as características das atividades desenvolvidas e que nem todos os postos de trabalho requerem essa maior escolaridade. Shiroma e Campos (1997) pontuam, desse modo, um antagonismo advindo da alta especialização: se as pessoas atingem uma capacitação intelectual maior do que a exigida para os cargos, porque os empresários clamam por educação, apontando-a como a principal alavanca para a produtividade e a qualidade?

Rummert e Ventura (2007) concluem que, de forma geral:

[...] as políticas educativas com caráter compensatório e aligeirado reiteram, a partir de reordenamentos econômicos dos quais derivam o desemprego estrutural e novas formulações ideológicas centradas no empreendedorismo e na empregabilidade, a subalternidade das propostas de educação para a classe trabalhadora. (RUMMERT; VENTURA, 2007, p.29)

3. Metodologia:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir de dados primários e secundários. Os secundários referem-se a publicações acadêmicas e a jornais e revistas de grande circulação nacional, obtidos a partir de pesquisa de publicações não acadêmicas meio (Exame, Você S/A, Folha de São Paulo, Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio, Hoje em Dia e Estado de Minas), acerca da temática – empregabilidade – entre janeiro de 2008 e dezembro de 2010. Tal pesquisa foi feita no *site* dos jornais impressos e pelo www.uol.com.br, por meio de senha e acesso a página de pesquisa de tais publicações; e acadêmicas - pesquisa de publicações em periódicos existentes no Scielo e nas publicações da ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (RAC - Revista de Administração Contemporânea, e eventos da ANPAD), acerca da temática, entre janeiro de 2000 e dezembro de 2010. Tal

pesquisa foi feita nos *sites* www.anpad.org.br, por meio de senha e acesso às páginas de pesquisa de tais publicações.

A análise dos dados secundários foi bibliométrica. Buscou-se identificar com que frequência (e de que maneira) o termo estudado aparecia nas publicações selecionadas. Utilizou-se, para tal, o mecanismo de busca por palavras-chave no site de cada uma das publicações.

Os dados, depois de coletados, foram analisados de modo quantitativo e qualitativo, com base nas técnicas de análise de conteúdo (AC) e de discurso (AD). Para Bardin (2004, p.33), “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Das técnicas que compõem a análise de conteúdo – categorial, de avaliação, da enunciação, da expressão, das relações e do discurso – serão utilizadas para análise dos dados as análises da enunciação e do discurso. De acordo com Bardin (2004, p.168), “a transcrição tendo por fim uma análise da enunciação deve considerar o máximo de informação, tanto linguística (registro da totalidade dos significantes) como paralinguística”. O objetivo foi descobrir os “núcleos de sentido”, os quais compõem a fala dos entrevistados, sendo estes confrontados com os conceitos utilizados, com vistas a avançar no conhecimento acerca da realidade estudada. A análise do discurso, por sua vez, refere-se a um conjunto estruturado de técnicas para o tratamento das estratégias discursivas de persuasão ideológica usadas pelos indivíduos, sejam elas explícitas, implícitas ou silenciadas (FIORIN, 2003), associando-os, sempre que possível, à teoria existente sobre o assunto em pauta.

Os primários foram obtidos a partir de entrevistas semi-estruturadas com professores e alunos do curso de jornalismo em Recife e em Belo Horizonte. Foram entrevistados quatro alunos, um professor e o coordenador do curso, em cada cidade, selecionados por critérios de acessibilidade e tipicidade. Levou-se em consideração, no caso dos alunos, o fechamento amostral por saturação teórica (FONTANELLA, RICAS e TURATO, 2008).

A análise dos dados primários foi a de discurso. Entende-se por discurso:

Tomada em sua acepção mais ampla, aquela que ele tem precisamente na *análise do discurso*, esse termo designa menos um campo de investigação delimitado do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados (MAINGUENEAU, 2006, p. 43).

E a análise do discurso é compreendida “como a disciplina que, em vez de proceder uma análise linguística do texto em si [...], visa articular sua enunciação sobre um certo lugar social”. (MAINGUENEAU, 2006, p. 13). A partir da gravação, foi feita a transcrição integral das falas dos entrevistados. Dessa maneira, formou-se o *corpus* que Segundo Machado (2007, p. 3) consiste em “dados linguísticos sobre os quais os tratamentos analíticos são realizados”. Nesta pesquisa, cada entrevista é uma unidade de análise ou um *corpus*. O conjunto deles (*corpora*) forma o arquivo da pesquisa. Assim, nas entrevistas, buscou-se analisar se e de que modo o discurso presente na mídia sobre o tema aparece na formação dos jornalistas.

A análise dos dados deste estudo não é metodologicamente passível de generalização. Sua validade, assim, restringe-se aos depoimentos colhidos. Analiticamente, contudo, há possibilidade de transposição para outros contextos, conforme similaridade eventualmente encontradas em outras situações.

Oportuno destacar que associada à metodologia proposta, esta pesquisa adotou a estratégia da triangulação, proposta por Denzin (1978) e rediscutida por Flick (1992). Tal estratégia pressupõe que os métodos e técnicas de pesquisa podem ser vistos como complementares ao invés de rivais. A triangulação foi de dados, uma vez que foram usadas

diferentes fontes de dados. O fenômeno “empregabilidade” foi estudado a partir de diferentes fontes e momentos (tempo), locais (espaço) e pessoas (informantes).

Na definição das categorias para análise, optou-se por utilizar a categorização *a posteriori*, devido à diversidade e riqueza dos conteúdos advindos de estruturas semi-estruturadas.

Além disso, a pesquisa bibliométrica foi outra forma de análise utilizada neste estudo, com o propósito de se ter mais uma possibilidade de confrontar os discursos dos diferentes meios de comunicação selecionados (acadêmicos e não-acadêmicos) acerca da temática em questão.

Antes de pontuar os dados encontrados nas pesquisas bibliométrica e qualitativa, é necessário definir os conceitos-chave utilizados como parâmetros de análise. Na pesquisa bibliométrica, os artigos foram divididos com base no seguinte critério:

Estuda empregabilidade x apenas cita ou comenta brevemente a empregabilidade: o primeiro critério abarca todos os artigos, acadêmicos ou massivos que se dispuseram a tecer um discurso e uma análise mais acurada e profunda sobre a temática da empregabilidade. Já o segundo critério representa aqueles artigos nos quais a empregabilidade é apenas aludida e não explorada com finura suficiente. Assim, apenas os artigos que estudaram a temática foram selecionados para o estudo.

Tanto os artigos selecionados que estudaram a empregabilidade quanto o conteúdo das entrevistas realizadas foram analisados tomando-se por parâmetro as seguintes categorias de análise, referentes aos entendimentos sobre o tema verificados no debate teórico: **visão crítica-social** e **visão empresarial-individual**. O primeiro entendimento acerca da empregabilidade representa o conceito de Carrieri e Sarsur (2002), que trata a empregabilidade como um discurso neoliberal que transfere a responsabilidade do emprego da sociedade, da academia e do Estado, unicamente, para o indivíduo. A visão empresarial, por sua vez, representa a visão mercadológica e individual, presente em Minarelli (1995) e em Lavinias (2001), por exemplo, que defendem que a obtenção e a manutenção do emprego advêm unicamente de características individuais, como capital humano, por exemplo.

4. Apresentação dos dados e análise

4.1 Dados secundários

Tabela 1:

Quantidade de artigos selecionados para análise

Critério	GRUPO ACADÊMICO* ¹		GRUPO EMPRESARIAL* ²	
	Artigos obtidos no Scielo	RAC e Enanpads	Você S/A	Folha de São Paulo
Estuda a empregabilidade	4	15	5	21
Apenas cita	2	10	6	45
TOTAL	6	25	11	66

Nota. *1 No período de janeiro de 2000 a dezembro de 2010; *2 No período de janeiro de 2008 a dezembro de 2010; dados da pesquisa.

Foram selecionados para a análise apenas os artigos com maior nível de aprofundamento na abordagem da empregabilidade. Feita a seleção, o universo pesquisado resultou num total de 45 artigos, sendo 19 acadêmicos e 26 não-acadêmicos.

Tabela 2:

Visões acerca do tema nas publicações de ambos os grupos

Estuda a empregabilidade	GRUPO ACADÊMICO		GRUPO EMPRESARIAL	
	RAC e Enanpads	Periódicos no Scielo	Você S/A	Folha de São Paulo

Visão crítica	9	4	0	13
Visão empresarial	4	0	5	8
Visão híbrida	2	0	0	0
TOTAL	15	4	5	21

Nota. dados da pesquisa.

É perceptível a predominância de estudos “críticos” sobre o tema em questão nos artigos do grupo acadêmico. Entretanto, é necessário destacar na *Folha de São Paulo*, jornal bem conceituado e bastante lido no Brasil, uma maioria de textos críticos, durante o período analisado. Tal fato mostra que algumas publicações de massa começam a se preocupar em ter uma postura mais crítica diante do Estado, das instituições acadêmicas e da própria sociedade.

Em outra tabela pode-se fazer a comparação dos anos em que essas mensagens foram veiculadas. A tabela 3 representa frequência de artigos que estudam empregabilidade, no período estudado:

Tabela 3:
Publicações acadêmicas classificadas por períodos

Estuda a empregabilidade / anos pesquisados	GRUPO ACADÊMICO							
	RAC e Enanpads	C	E	H	Periódicos no Scielo	C	E	H
2010	2	2	0	0	1	1	0	0
2009	3	3	0	0	1	1	0	0
2008	0	0	0	0	0	0	0	0
2007	5	3	2	0	0	0	0	0
2006	1	0	1	0	0	0	0	0
2005	1	1	0	0	0	0	0	0
2004	1	0	0	1	0	0	0	0
2003	0	0	0	0	1	1	0	0
2002	0	0	0	0	0	0	0	0
2001	1	0	1	0	0	0	0	0
2000	1	0	0	1	1	1	0	0
TOTAL	15	9	4	2	4	4	0	0

Nota. Legenda: C = crítica, E = empresarial, H = híbrida; Fonte: dados da pesquisa.

Os dados da tabela 3 reforçam o entendimento de que a preocupação em estudar a empregabilidade é recente. A maior parte dos estudos acadêmicos sobre o tema, nos periódicos e anais de eventos estudados, está concentrada no período a partir de 2007.

Já a tabela 4 resume a frequência de artigos veiculados nas publicações empresariais, que se aprofundaram no estudo do fenômeno, a partir da ocorrência das subcategorias criadas por este estudo.

Tabela 4:
Publicações empresariais classificadas por períodos

Estuda a empregabilidade / anos pesquisados	GRUPO EMPRESARIAL							
	Folha de São Paulo	C	E	H	Você S/A	C	E	H
2010	4	3	1	0	2	0	2	0
2009	8	6	2	0	2	0	2	0
2008	4	1	3	0	1	0	1	0
TOTAL	16	10	6	0	5	0	5	0

Nota. Legenda: C = crítica, E = empresarial, H = híbrida; dados da pesquisa.

Nessa tabela é necessário ressaltar, prioritariamente, a disparidade dos resultados encontrados nos meios de comunicação de massa. As revistas especializadas em mercado e

carreira, aqui representadas pela *Você S/A*, têm uma visão completamente empresarial sobre a empregabilidade, enquanto a *Folha de São Paulo* apresenta um posicionamento mais híbrido, com reportagens que consideram a empregabilidade como um fenômeno social.

Foram analisados também como dois jornais de Pernambuco – *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco* abordam o tema. Foram selecionados matérias e artigos que fazem menção ao termo empregabilidade, de ambos os jornais, nos anos 2008, 2009 e 2010. A tabela 5, a seguir, resume os principais resultados.

Tabela 5:

Quantidade de artigos selecionados para análise – jornais em Pernambuco

<i>Critério</i>	<i>Jornais</i>	
	<i>Jornal do Commercio</i>	<i>Diário de Pernambuco</i>
Estuda a empregabilidade	19	14
Apenas cita	33	11
TOTAL	52	25

Nota. * No período de janeiro de 2008 a dezembro de 2010; dados da pesquisa.

Essa diferença – estuda a empregabilidade ou apenas cita – refere-se ao modo e profundidade como o tema é tratado no artigo.

Um exemplo de uma menção ao termo, sem o propósito de tratá-lo de modo mais profundo: “O ganho de renda e a maior empregabilidade estão encorajando mais pessoas a entrarem em uma concessionária e adquirirem seu primeiro carro novo” (*Economia*, *Jornal do Commercio*, 29 de maio de 2010).

Assim, esta pesquisa buscou analisar de modo mais profundo apenas os artigos que tratam de empregabilidade de modo mais direto.

A tabela 6, a seguir, resume o posicionamento acerca do tema, encontrado nos jornais pernambucanos.

Tabela 6:

Visões acerca do tema nas publicações de ambos os grupos

<i>Estuda a empregabilidade</i>	<i>Jornal</i>	
	<i>Jornal do Commercio</i>	<i>Diário de Pernambuco</i>
Visão crítica	2	1
Visão empresarial	8	11
Visão híbrida	9	2
TOTAL	19	14

Nota. dados da pesquisa.

De modo geral, a visão crítica sobre o tema apareceu de modo bastante tímido. Destaque-se o artigo “Ai de ti e de mim”, publicado no *Jornal do Commercio* de 19 de janeiro de 2010: “A preocupação com a empregabilidade não pode restringir-se à busca de uma excelência meramente técnica”. O artigo considera que a empregabilidade não pode ser associada unicamente à qualificação, e que há outros elementos, não técnicos, que precisam ser considerados na busca pelo emprego.

A visão empresarial – a que considera empregabilidade um atributo individual e que a associa a cursos e qualificação – foi a que apareceu com maior frequência nos periódicos pernambucanos. São exemplos:

Fazer uma pós-graduação é agregar valor ao currículo, é aumentar as chances de empregabilidade (*Currículo turbinado para chegar a Suape*, *Economia*, *Diário de Pernambuco*, 02 de agosto de 2009).

A secretaria acredita que esses cursos básicos de informática vão aumentar a empregabilidade das pessoas (Lan houses vão oferecer cursos de TI, Economia, Jornal do Commercio, 11 de outubro de 2009).

Chamou a atenção os artigos sobre empregabilidade com visão híbrida, no Jornal do Commercio. Por visão híbrida, entende-se aquela que apesar de considerar a empregabilidade um atributo individual, acredita que outros atores da sociedade são também responsáveis pela busca e obtenção do emprego.

Numa área de 1.000 metros quadrados vai funcionar o Instituto JCPM de Compromisso Social, que já atua com ações voltadas para capacitação e empregabilidade de jovens da comunidade do entorno (O mercado é a gente que faz, Economia, Jornal do Commercio, 19 de março de 2010).

O elemento central da estratégia deve se voltar para ampliar as condições de empregabilidade da população pobre, através de investimento e gasto público forte para o aumento da escolaridade e da qualificação profissional da população, desta forma, os pobres podem ocupar espaços no mercado de trabalho ou implantar seu próprio negócio, gerando sua renda e se libertando da necessidade da assistência. (Coronelismo de Estado, Artigos, Jornal do Commercio, 19 de fevereiro de 2010).

Foram analisados também como dois jornais de Minas Gerais – Estado de Minas e Hoje em Dia - abordam o tema. Foram selecionados matérias e artigos que fazem menção ao termo empregabilidade, de ambos os jornais, nos anos 2008, 2009 e 2010. A tabela 7, a seguir, resume os principais resultados.

Tabela 7:

Quantidade de artigos selecionados para análise – jornais em Pernambuco

<i>Critério</i>	<i>Jornais</i>	
	<i>Estado de Minas</i>	<i>Hoje em Dia</i>
Estuda a empregabilidade	6	6
Apenas cita	7	5
TOTAL	13	11

Nota. * No período de janeiro de 2008 a dezembro de 2010; dados da pesquisa.

A tabela 8, a seguir, resume o posicionamento acerca do tema, encontrado nos jornais mineiros.

Tabela 8:

Visões acerca do tema nas publicações de ambos os grupos

<i>Estuda a empregabilidade</i>	<i>Jornal</i>	
	<i>Estado de Minas</i>	<i>Hoje em Dia</i>
Visão crítica	1	1
Visão empresarial	3	1
Visão híbrida	2	4
TOTAL	6	6

Nota. dados da pesquisa.

Do mesmo modo como o observado nos jornais pernambucanos, a visão crítica sobre o tema apareceu de modo bastante tímido. Destaque para os artigos “Salário de negros é 40% menor que de não-negros”, publicado no Hoje em Dia, de 18 de novembro de 2010, e o artigo “OIT vai defender ‘emprego verde’ e redes de proteção ao trabalhador”, publicado no Estado de Minas, de 13 de junho de 2009. O primeiro artigo trata da discriminação sofrida pelos negros no mercado de trabalho. Segundo a reportagem, os negros recebem salários menores

que os brancos, em ocupações semelhantes. Ressalta ainda que os negros conseguem se inserir no mercado de trabalho em proporção semelhante a dos brancos. Contudo, tal inserção ocorre em ocupações mais precárias. O segundo artigo trata dos impactos da última crise financeira mundial na geração de empregos. Ressalta a importância de países se preocuparem com a proteção do trabalhador e suas famílias. A crise financeira mostrou claramente que a preocupação com a empregabilidade não pode ficar restrita aos indivíduos.

A visão híbrida – a que considera empregabilidade um atributo individual, porém compartilha a responsabilidade pela busca pelo emprego com outros atores sociais – foi a que apareceu com maior frequência nos periódicos mineiros.

4.2 Dados primários

A análise dos dados foi dividida em blocos, de forma a atender aos objetivos do estudo:

- i) Identificar e analisar qual a concepção sobre empregabilidade adotada pelos grupos mencionados;
- ii) Descrever e analisar, na visão dos entrevistados, o que determina e influencia a empregabilidade dos indivíduos;
- iii) Comparar as concepções acerca dos termos estudados entre os grupos – governamental, empresarial e acadêmico – e entre duas regiões/capitais – Recife e Belo Horizonte.

4.2.1 O que se entende por empregabilidade:

A teoria mostra que há dois grandes significados para empregabilidade: o empresarial-individual (que considera a empregabilidade como a capacidade de adaptação da mão-de-obra [do indivíduo] às novas exigências do mundo do trabalho e das organizações) e o crítico-social (que trata a empregabilidade como um discurso, transferindo a responsabilidade pelo emprego da sociedade e do Estado para o próprio trabalhador).

Ao conceituar empregabilidade, os entrevistados, contudo, apresentaram majoritariamente o entendimento empresarial-individual, como exemplificados nas sequências discursivas a seguir:

(1) “O que é empregabilidade? **Disponibilidade** de estar empregado e as qualificações que você deve **ter** para ser empregado”. (aluno do 1º período, 18 anos, jornalismo – Recife).

(2) “Empregabilidade eu entendo como a **capacidade** que tem o profissional de se inserir no mercado”. (professora, 50 anos, jornalismo – Recife).

(3) “Empregabilidade seria uma forma de empregar aqueles que já tem potencial para serem empregados eu acho que comporta algumas **condições básicas de economia**, também de infra-estrutura, você empregar alguém que já está **apto** pra aquele posto vamos dizer” (aluno do 2º período, 22 anos, jornalismo – Belo Horizonte).

(4) “A empregabilidade, eu vejo como um **estado** em que a **pessoa** se encontra apta pra exercer qualquer função de trabalho pra qual ela tem uma **formação** mínima ou então quando a pessoa encontra-se nesse estado ela vai **atender a alguns requisitos básicos que o mercado esteja exigindo** naquele determinado contexto e conseqüentemente atingir um... ocupar um posto de trabalho” (professor, 38 anos, jornalismo – Belo Horizonte).

De modo geral, o grupo acadêmico do jornalismo entende empregabilidade como um atributo individual. As falas associam o conceito a um “estado em que a pessoa se encontra”, “capacidade de se inserir no mercado de trabalho”. Não se observou diferenças significativas

entre as falas dos acadêmicos da área nas cidades estudadas. As falas aqui analisadas indicam que o entendimento acerca da empregabilidade que os acadêmicos de jornalismo entrevistados possuem se aproxima ao conceito de empregabilidade de iniciativa (GAZIER, 2001). A empregabilidade, neste entendimento, é resultado da iniciativa dos indivíduos em possuírem e apresentarem aquilo que o mercado deseja.

4.2.2 Determinantes da empregabilidade:

Acerca deste tópico, perguntou-se aos entrevistados o que eles fazem para se tornar empregáveis. A pergunta teve a intenção de perceber até que ponto eles consideram a empregabilidade um atributo individual (ou não) e de se conhecer os determinantes do acesso ao emprego, na opinião de cada um.

(9) “eu tento me **qualificar** o máximo possível pra eu... pro tipo de emprego que eu já tenho em vista no caso minha profissão é jornalista eu já busco me **especializar** o máximo no que eu já considero que pode ser um cargo ideal pra mim”. (aluno do 1º período, 18 anos, jornalismo – Recife).

(10) “estar num estado de empregabilidade é ela **atender uma série de demandas** no sentido de captação de informação, no sentido de poder **trabalhar com associação de ideias**, no sentido dela poder **trabalhar com novas tecnologias**, no sentido dela poder **desenvolver um raciocínio mais rápido** em torno de algumas linguagens de acordo com as mídias a serem utilizadas seja oral ou eletrônica enfim quando ela atinge essa questão técnica associada à questão de **domínio pleno da linguagem e do raciocínio** eu acho que ela está no estado apto de empregabilidade, empregável né como se diz agora”. (professor, 52 anos, jornalismo – Recife).

Este professor destacou algumas questões distintas no que se refere a ser empregável. Ao destacar o que chama de “poder trabalhar”, o docente refere-se à questão das competências. Para Barato (1998, p.13), competências referem-se à “capacidade pessoal de articular saberes com fazeres característicos de situações concretas de trabalho”.

Ao mencionar o “domínio pleno da linguagem”, a fala do professor se aproxima ao conceito de capital cultural (BOURDIEU, 2007; BOURDIEU e PASSERON, 1975). Capital cultural refere-se a atributos transmitidos na família e na escola, tais como linguagem, símbolos, posturas, valorizados pela elite. A partir deste entendimento, a empregabilidade é também influenciada pelo conhecimento e posse destes elementos subjetivos, que por sua vez, são valorizados pelo mercado de trabalho.

Este foi também o entendimento apresentado no modelo proposto por Helal (2005) e testado em Helal (2007). Nele, a empregabilidade é influenciada por investimentos em capital humano, cultural e social, bem como são consideradas diferenças regionais, de gênero e de raça. Os resultados do estudo indicam que a posse de capital cultural tem efeito positivo sobre a empregabilidade, e que tal efeito é eminentemente indireto, via educação.

(11) “sim, bom, eu acho que parte do princípio de **preparação** né, por exemplo, do ponto de vista do jornalismo eu estou na **faculdade** pra poder me preparar pra essa empregabilidade então eu me acho empregável assim porque eu me preparo eu acho que essas coisas são intrínsecas.” (aluno do 2º período, 22 anos, jornalismo – Belo Horizonte).

(12) “eu sim, totalmente empregável não sei se as outras pessoas consideram assim (risos) não. É exatamente por causa da minha **formação** em algumas áreas. Eu já tive **experiências** de trabalhar em empresa privada, trabalhei em empresa pública, trabalhei cerca de vinte anos que eu trabalho com educação. Agora eu “to” tentando retornar novamente pra dentro dessas empresas. Então, eu acho que eu tenho

algumas características que melhor permitem uma inserção no mercado.”
(professora, 50 anos, jornalismo – Belo Horizonte).

Em grande medida, observou-se, na opinião dos entrevistados, que o grande determinante da empregabilidade são os investimentos em educação. Palavras como qualificação, especialização, certificação e estudo foram recorrentes nas sequências discursivas. Os estudos sobre mercado de trabalho tem mostrado que investimentos em educação trazem retornos ocupacionais e salariais aos indivíduos. A própria teoria do capital humano salienta tal aspecto. Outra questão também presente na fala dos entrevistados é a questão da experiência. Alguns entrevistados consideram que possuir experiência os torna mais empregáveis.

A grande crítica que se faz refere-se ao fato de que o acesso a ocupações formais não se dá apenas a partir de investimentos em educação. Tais investimentos precisam estar acompanhados de oportunidades equivalentes no mercado de trabalho. Quando isso não ocorre, estamos diante do que se chama “*mismatch*”, quando, por exemplo, indivíduos com nível superior estão em ocupações de nível médio.

4.2.3 Comparando as realidades:

No que se refere aos dados secundários, é possível supor que o termo apareça menos em MG, em comparação a PE, pelo fato de o desemprego ser um problema maior em PE. A própria teoria indica que a preocupação com a empregabilidade é fortemente dependente da dimensão que o desemprego possui, e das dificuldades encontradas para obtenção de postos de trabalho.

No que se refere ao grupo acadêmico, não foram observadas diferenças entre os municípios estudados. Esperava-se que dentre os acadêmicos de jornalismo, houvesse uma visão crítica mais destacada acerca da empregabilidade. Tal realidade, contudo, não se concretizou. A visão predominante sobre o conceito foi a individual. Tanto alunos como professores de jornalismo, em ambas cidades, consideram a empregabilidade como um atributo individual e os investimentos em educação como os principais determinantes da empregabilidade.

Em certo modo, isso reflete o conteúdo predominante na mídia impressa pesquisada. Nos quatro jornais pesquisados – Jornal do Commercio e Diário de Pernambuco, no Recife, e Estado de Minas e Hoje em Dia, em Belo Horizonte – a concepção predominante acerca da empregabilidade foi a individual.

5. Considerações finais

Pode-se perceber que o conceito de empregabilidade estudado indica que, para os grupos analisados, o fenômeno está em construção e em conflito, já que se encontra pressionado pelas visões empresarial e crítica. No esquema apresentado a seguir podemos observar como a opinião híbrida revela a visão intermediária do fenômeno:

Empresarial-Individual <----- > Híbrida <-----> Crítica-Social

Entretanto, a temática ainda é majoritariamente vista da perspectiva individual, em todos os grupos pesquisados. De acordo com Nader e Oliveira (2007, p.4), a noção de empregabilidade que ganha espaço atualmente “é aquela que localiza no próprio trabalhador a tarefa de se ajustar às condições de trabalho”.

Foi constatado também que o meio acadêmico tem uma visão crítica “contaminada” a respeito da realidade do mercado, ao contrário do que se verificou nos periódicos de educação pesquisados no Scielo. Nestes, a visão crítica se fez presente mais vezes.

No que se refere aos dados secundários, é possível supor que o termo apareça menos em MG, em comparação a PE, pelo fato de o desemprego ser um problema maior em PE. A própria teoria indica que a preocupação com a empregabilidade é fortemente dependente da dimensão que o desemprego possui, e das dificuldades encontradas para obtenção de postos de trabalho.

A escolaridade é ainda elemento importante, mas não o único. Não se pode deixar que toda a responsabilidade pela obtenção do emprego recaia no trabalhador.

Cabe ressaltar o papel da mídia na disseminação da visão individual acerca do assunto. Njaine e Minayo (2002, p. 287) apontam que “o papel da mídia impressa se realiza em dois planos: um que procura narrar as notícias do dia, procurando cumprir sua função *informativa*; outro, no qual se configura e expressa um sistema de valores, associado ao lugar do jornal como sujeito de enunciação”. A mídia surge, então, como mediadora entre o mercado de trabalho e o cidadão, entre o patrão e o empregado. A mídia visa também transmitir um modo de viver, uma ideologia que dita comportamentos e valores a ser reproduzidos por uma sociedade, exercendo uma função de controle social (MENEZES, 1998). Ela trabalha com o conceito de representação social, que seria “o posicionamento da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o intuito de construir percepções por parte dos indivíduos” (MOSCOVICI *apud* CORRÊA et. al., 2007). Cramer, Paula Neto e Silva (2002, p. 28) trazem que “a representação social funciona como um sistema de interpretação da realidade que regula as relações dos indivíduos com seu meio ambiente físico e social”.

Na questão da empregabilidade, o poder da mídia perante o indivíduo cresce progressivamente, uma vez que ela acumula as funções de interpretar a realidade e de “regular” as relações dos indivíduos. É nesse ponto que os meios de comunicação se tornam importantes instrumentos para a incrustação de ideais sociais representantes do nas populações. O discurso midiático difunde que o trabalhador é culpado pela sua falta de empregabilidade e o governo e o mercado como isentos da responsabilidade de contribuir com a formação dos trabalhadores e com as relações de emprego.

Os discursos acerca da empregabilidade aqui estudados indicam que o conceito é dinâmico e representa posições, regras de comportamento, de condutas e de diálogos comuns aceitos e legitimados como padrão de conduta a ser adotado pela maioria (ALVESSON e DEETZ, 1998), qual sejam, os que se referem e elegem o indivíduo como ponto central (e único responsável) no processo de busca pelo emprego e renda nos dias atuais.

Referências:

- ALVESSON, M.; DEETZ, S. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, S.; HARDY, C. & W. NORD, W. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998. 2 v., p.227-266.
- BARATO, J. N. **Competências essenciais e avaliação do ensino universitário**. Brasília: UNB, 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa (Portugal): Edições 70, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CARLEIAL, Liana; VALLE, Rogério (orgs.). **Reestruturação Produtiva e Mercado de Trabalho no Brasil**. São Paulo: HUCITEC-ABET, 1997.
- CARRIERI, Alexandre; SARSUR, Amyra M. Percurso Semântico do Tema Empregabilidade: um estudo de caso em uma empresa de telefonia. Encontro Nacional de Pós-Graduação em Administração – EnANPAD, 26, 2002, Salvador-BA, **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2002.

- CORRÊA, Alessandra M. H. et al. Soldadinhos-de-Chumbo e Bonecas: Representações Sociais do Masculino e Feminino em Jornais de Empresas. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, v. 11, n. 2, Abr./Jun. 2007: 191-211.
- CRAMER, L.; PAULA NETO, A. de; SILVA, A. L. A inserção do feminino no universo masculino: representações da educação superior. **Organizações & Sociedade**, 9(24), 2002, maio/agosto, pp.25-37.
- DEETZ, S.; MUMBY, D. Metaphors Information and Power. In: RUBEM, B. **Information and Behavior**. NJ: Transaction Press, 1985.
- DENZIN, Norman K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. 2.ed. Chicago: Aldine Publishing Company, 1978.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- FLICK, Uwe. Triangulation revisited: strategy of validation or alternative? **Journal for the Theory of Social Behaviour**. v.22, n.2, p. 175-197, 1992.
- FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, pp.17-27, jan. 2008.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2007.
- FREITAS, M. E. Contexto social e imaginário organizacional moderno. **Revista de Administração de Empresas**, n. 2, p. 6-15, 2000.
- GAZIER, B. Employability: the complexity of a policy notion. In: WEINERT, P. et al (Ed.). **Employability: from theory to practice**. New York: Transaction Publishers, 2001.
- GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v.91, n.3, p.481-510, 1985.
- HELAL, Diogo Henrique. Flexibilização organizacional e empregabilidade individual: proposição de um modelo explicativo. **Cadernos EBAPE.BR**. v.III, n.1, p. 1-15, Março, 2005, ISSN: 1679-3951.
- _____. Empregabilidade no Brasil: padrões e tendências. In: IPEA. (Org.). **Prêmio Ipea 40 anos IPEA-CAIXA-2005 : monografias**. Brasília: IPEA, 2007, v. , p. 1-726.
- _____; NEVES, Jorge Alexandre; FERNANDES, Danielle Cireno. Empregabilidade gerencial no Brasil. **RAC– Revista de Administração Contemporânea Eletrônica**, v.1, n.2, art.1, maio/ago. 2007, p.1-19.
- LAVINAS, Lena. Empregabilidade no Brasil: inflexões de gênero e diferenciais femininos. **TD – Texto para Discussão**, n.826. Rio de Janeiro, IPEA, set. 2001, p.01-24.
- MACHADO, Lucília. Educação Básica, Empregabilidade e Competência. **Trabalho & Educação – Revista do NETE**. Belo Horizonte, n.03, p.15-31, jan./jul. 1998.
- MACHADO, Marília N. M. (Coord.). A construção do corpus para a análise do discurso da equidade e da desigualdade sociais (DEDS) em obras de ficção. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICOSSOCIOLOGIA E SOCIOLOGIA CLÍNICA, 11., Belo Horizonte, 2007. COLÓQUIO INTERNACIONAL DE PSICOSSOCIOLOGIA E SOCIOLOGIA CLÍNICA DE BELO HORIZONTE, 2., Belo Horizonte, 2007. **Anais...** Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/coloquio/horarios.php>>. Acesso em: 15 janeiro 2007.
- MAINGUENNEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. 2. reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- MENEZES, Maria Edna de. A construção desconstruída da imagem do negro na propaganda. In: MACHADO, Ida; CRUZ, Amadeus R. LYSARDO-DIAS, Dylia (orgs.) **Teorias e práticas discursivas – Estudos em análise do discurso**. Belo Horizonte, Núcleo de Análise do Discurso da Fale –UFMG.1998.
- MINARELLI, J. A. **Empregabilidade: o caminho das pedras**. São Paulo: Gente, 1995.

- NADER, Fernanda Milne-Jones; OLIVEIRA, Lúcia Barbosa. Empregabilidade: uma análise histórica e crítica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – EnANPAD, 31, 2007, Rio de Janeiro-RJ, **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2007. 1 CD-ROM.
- NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade. **Ciênc. saúde coletiva** [online]. 2002, vol.7, n.2, pp. 285-297.
- PAIVA, Vanilda. Qualificação, Crise do Trabalho Assalariado e Exclusão Social. In: P. GENTILI e G. FRIGOTTO (orgs.). **A Cidadania Negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. 1.ed. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p.49-64.
- PECI, A.; VIEIRA, M. A construção do 'real' e práticas discursivas. **Anais do XXVIII ENANPAD**. Curitiba, 2004.
- PHILLIPS, N.; LAURENCE, T. B.; HARDY, C. Discourse and Institutions. **Academy of Management Review**. v.29, n.4, 2004. p. 635-652.
- POCHMANN, Márcio. **O Emprego na Globalização: a Nova Divisão Internacional do Trabalho**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2001.
- RODRIGUES, José. Da Teoria do Capital Humano à Empregabilidade: um ensaio sobre as crises do capital e a educação brasileira. **Trabalho & Educação – Revista do NETE**. Belo Horizonte, n.02, p.215-230, ago./dez. 1997.
- RUMMERT, Sonia Maria; VENTURA, Jaqueline Pereira. Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re)construção da subalternidade – considerações sobre os programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola. **Educar em Revista**, n.29, p.29-45, 2007.
- SHIROMA, Eneida Oto; CAMPOS, Roselane Fátima. Qualificação e reestruturação produtiva: um balanço das pesquisas em educação. **Educação & Sociedade**, v.18, n.61, p.13-35, dez. 1997.
- ZULAUF, Monika. Ensino superior e desenvolvimento de habilidades para a empregabilidade: explorando a visão dos estudantes. **Sociologias**, n.16, p.126-155, dez. 2006.